

Tendências atuais da Educação Superior: no Mundo, na América Latina e no Brasil

Antonia Marques FARIAS *

Fernando Antonio Colares PALACIOS **

Maria Luíza de Faria NOGUEIRA ***

Maria Tereza Duarte de SOUZA ****

Este trabalho aborda as tendências atuais da educação superior: no mundo, na América Latina e no Brasil. Tem como objetivo discutir, em sua primeira parte, as tendências atuais da educação superior, em especial das Universidades, num contexto situacional de mundo, da América Latina, e, principalmente, do Brasil e da Universidade do Estado do Pará. Como segunda parte, analisar o papel do professor universitário como agente das mudanças necessárias para o fortalecimento da instituição universitária na contemporaneidade. Ao longo do estudo, entendemos que com a proposta de contemporaneidade, concluímos que a pesquisa é um princípio que aparece em todo percurso educativo, e que o melhor saber é aquele que sabe superar-se, tornando-se um grande desafio para o educador do próximo milênio.

Unitermos: Tendência, Educação, América Latina

1. Introdução

Este trabalho discute, em sua primeira parte, as tendências atuais da educação superior, em especial as universidades, num contexto situacional do mundo, da América Latina, e, principalmente, do Brasil e o caso específico da Universidade do Estado do Pará. Como Segunda parte, analisa o papel do professor universitário como agente das mudanças necessárias para o fortalecimento da instituição universitária na contemporaneidade.

Para alcançar seus objetivos, primeiramente, será usada a abordagem do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos sobre as crises de hegemonia, legitimidade e institucionalidade que vem enfrentando a universidade, a partir dos anos sessenta e que se apresentam mais ou menos uniformes nos países desenvolvidos e em desenvolvimento. Em seguida, procura-se situar a universidade brasileira nesse contexto, bem como a Universidade do Estado do Pará – UEPA e sua particularidade regional a partir de afirmativas destacadas anteriormente. Conclui-se a primeira parte, com a tentativa de apresentar uma linha de atuação para a gestão da universidade paraense à luz das concepções apresentadas.

Não restam dúvidas que as condições de vida de grande parte da população mundial (cerca de 6 bilhões de habitantes) têm piorado nos últimos anos a níveis insustentáveis atestados pelos diversos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH)¹ dos países do mundo. No Brasil, ao lado de Estados que apresentam resultados que os caracterizam, segundo o critério adotado pelo Relatório do Desenvolvimento Humano 1995, como regiões de elevado nível de desenvolvimento humano (Rio Grande do Sul, Distrito Federal, São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Paraná, Mato Grosso

do Sul e Espírito Santo), os demais Estados encontram-se entre os níveis médio e baixo (Paráíba), caracterizando com isso um quadro de profundas desigualdades sociais. Como exemplo, a renda média dos 10% mais ricos brasileiros é quase trinta vezes maior do que a renda média dos 40% mais pobres, ao contrário por exemplo da Holanda, onde a razão é menos de quatro.

Também há um enorme abismo quando se analisa os indicadores de nível educacional (taxa de alfabetização dos adultos e a taxa combinada de matrícula nos ensino fundamental, médio e superior). No Brasil, na década de 90, em média, 22% da população é analfabeta, 38% possuem a primeira fase do ensino fundamental, 19% a segunda fase, 13% o nível médio e 8% o superior². Comparando-se com a população com nível médio da Coreia de 56%, a diferença é substancial e repercute certamente no desenvolvimento dos dois países.

Nesse contexto, pergunta-se: qual o papel da instituição universitária no mundo contemporâneo? Certamente não se resume ao ideal Humboltiano de templo do saber, nem o de local de preparação profissional (outras instituições podem fazer até melhor). Talvez o grande papel da

* Professora do Curso de Graduação em Enfermagem da UEPA, cursando mestrado em Ciências da Educação: Docência Universitária/UEPA/IPLAC/CUBA.

** Professor do Curso de Graduação em Música da UEPA, cursando mestrado em Ciências da Educação: Docência Universitária/UEPA/IPLAC/CUBA.

*** Professora do Curso de Graduação em Fisioterapia da UEPA, cursando mestrado em Ciências da Educação: Docência Universitária/UEPA/IPLAC/CUBA.

**** Professora do Curso de Graduação em Educação Física da UEPA, cursando mestrado em Ciências da Educação: Docência Universitária/UEPA/IPLAC/CUBA.

¹ O IDH é um índice composto por longevidade, conhecimento e padrão de vida.

² Fonte: Velazco 1995, a partir de dados do IBGE 1990.

universidade contemporânea seja o de, salvaguardando a sua especificidade institucional de produção e difusão de conhecimentos, ser uma das instituições centrais na transformação da sociedade tendo em vista alcançar o desenvolvimento humano sustentável³.

Mas o momento é de crise para a universidade. Pressionada de um lado pelo Estado, e de outro pela sociedade, a organização universitária reluta em produzir as mudanças no seu interior necessárias para manutenção de sua hegemonia no conjunto das organizações sociais do mundo atual.

2. Da Idéia de Universidade à Universidade de Idéias

Esse é o título da notável abordagem de Santos (1997), sobre o momento atual da universidade em seu livro *Pela de Alice*, na qual apresenta uma visão particular sobre as contradições e crises que está enfrentando.

Entre as contradições que a instituição universitária tem sofrido Santos destaca três particularmente: a contradição entre a produção de alta cultura e de conhecimentos exemplares necessários à formação das elites de que a universidade se ocupa desde a Idade Média, e a produção de padrões culturais médios e de conhecimentos úteis para as tarefas de transformação social e nomeadamente para a formação da força de trabalho qualificada exigida pelo desenvolvimento industrial;

a contribuição entre a hierarquização dos saberes especializados através das restrições de acesso e de credencialização das competências e as exigências sócio-políticas da democratização e da igualdade de oportunidades, e finalmente, a contribuição entre a reivindicação da autonomia na definição dos valores e dos objetivos institucionais e a submissão crescente a critérios de eficácia e de produtividade de origem e natureza empresarial (p.190).

A gestão dessas contradições não conseguindo ir à raiz dos problemas configuram as crises de hegemonia, legitimidade e institucional.

Há uma crise de hegemonia sempre que “uma dada condição social deixa de ser considerada necessária, única e exclusiva” (Santos, p. 190). Quando o modelo de universidade Humboltiano entrou em crise, já a partir do capitalismo liberal (final do século XIX), pela falta de sintonia com as “exigências sociais” emergentes e, principalmente a partir da pressão da sociedade sobre a universidade depois dos anos sessenta, a instituição universitária começa a perder a centralidade em relação à outras instituições que acabam por

ocupar o espaço que antes a ela pertencia. Essa perda de centralidade está evidenciada nas seguintes dicotomias: alta cultura – cultura popular; educação – trabalho; teoria – prática.

Após a segunda guerra mundial o monopólio detido pela alta cultura desde a segunda metade do século XIX passa a ser bastante questionado pela sociedade. A força da cultura popular, devido principalmente aos meios de sociedade de massa, busca na universidade um espaço que pela dinâmica de ambas acaba impedindo um convívio pacífico. Sobre isso, Touraine (1998), ao defender uma escola do sujeito escreve:

Uma educação centrada na cultura e nos valores da sociedade que educa cede o lugar a uma educação que concebe importância central à diversidade (histórica e cultural) e ao conhecimento do outro... para estender-se a todas as formas de comunicação intercultural. A uma escola nacional se contrapõe aquilo que Edgar Morin chama de dimensão dialógica da cultura contemporânea, e isto pede uma escola social e culturalmente heterogênea (p.322).

A Segunda dicotomia, educação – trabalho, apresentou diversas facetas. Primeiramente, no período do capitalismo liberal, eram dois mundos com pouca comunicação entre si. Ou se estudava, ou se trabalhava. No período do capitalismo organizado ocorre a primeira transformação, quando a dicotomia passou a ser, primeira se estuda e para depois se trabalhar. Assim, a educação além de transmissão de alta cultura, também tornou-se educação para o trabalho, ensino de conhecimentos utilitários, de “aptidões técnicas especializadas capazes de responder aos desafios do desenvolvimento tecnológico no espaço de produção” (Santos, p. 196). Essa mudança pôde ser sentida na universidade quando da construção de currículos com ciclo básico e ciclo profissional. Tratava-se de uma tentativa de unir a educação humanista com a educação voltada para a formação profissional.

Hoje, para Santos, a dicotomia educação trabalho processa-se em dois níveis. Primeiro, pelo descompasso entre o tempo de formação de um profissional na universidade e o ciclo de consumo produtivo deste. Percebe-se de um lado, a produção em excesso de profissionais, ou por outro a lentidão em produzir novos perfis de profissionais nas universidades, além disso, “a redução drástica do recrutamento para o serviço público incide sobre a demanda de cursos nas áreas sociais, os orçamentos são reduzidos e a percep-

³O paradigma do desenvolvimento humano sustentável é dos valores da própria vida humana. A vida não é valorizada apenas porque as pessoas podem produzir bens materiais. Nem a vida de uma pessoa vale mais do que a de outra. O desenvolvimento deve permitir a todos os indivíduos desenvolver ao máximo as capacidades humanas e fazer delas o melhor uso em todos os campos: econômico, social, cultural e político.

ção dos governos da relação ensino superior/mercado de trabalho vem mudando sob o impacto da ideologia que parte da noção de competitividade externa para pensar o setor educacional” (Paiva & Varde, p.14). Segundo, porque a própria seqüência educação-trabalho não se realiza da mesma forma que alguns atrás. Hoje, exige-se um processo de educação permanente, ao mesmo tempo que a idéia de trabalho ampliou-se consideravelmente, não se limitando à relação com o emprego.

Além disso, a universidade tem perdido centralidade, pois esta não consegue manter a educação profissional sob o seu controle perdendo espaço para instituições de menores dimensões, maior flexibilidade e proximidade com espaços de produção. Não é por acaso que as grandes corporações mantêm faculdades associadas ao espaço de trabalho.

A terceira dicotomia é a que ocorre entre teoria e prática. A tradição universitária, formada desde o século XIX é de ser por excelência uma organização cuja produtividade é medida no campo da pesquisa. Pelo menos até os anos cinqüenta, a pesquisa pura, marcada pelo desinteresse e pela autonomia na busca da verdade predominou, ocasionando a priorização da teoria sobre a prática. O quadro modificou-se quando, por pressão da sociedade e do Estado a sociedade se viu obrigada a aproximar-se do setor produtivo, decorrendo disso o privilegiamento da pesquisa aplicada ao mesmo tempo, a universidade assume um papel diferenciado ao se aproximar das comunidades, procurando utilizar seus conhecimentos na resolução dos problemas da sociedade naquela função que se chamou de extensão universitária.

Assim, a universidade latino-americana incluindo a brasileira, se encontra pressionada pelos organismos internacionais a adotarem um modelo reprodutivista, assentado em critérios empresariais de eficiência e eficácia que estão a exigir dos gestores especial atenção na manutenção de sua identidade. Essa “distorção institucional” tem seus reflexos na sala de aula com a diminuição do prestígio das ciências sociais e das humanidades o que exige uma nova formação do professor universitário.

3. Professor como agente de mudanças

UMA NOVA ERA: Neste momento em que vivemos o final de um século e a transição para o terceiro milênio, presenciamos no nosso cotidiano uma realidade que nos coloca a frente contínuas mudanças. O que nos exige uma reflexão sistemática a respeito das maneiras de ser e de se “estar no mundo”, a sociedade a que pertencemos e do homem sujeito dessa sociedade, que sofre influências de constantes informações possibilitadas pelo avanço da ciência

e da tecnologia em velocidade cada vez mais crescente. O novo não perdura por muito tempo. Os meios de comunicação inundam-nos de informações variadas sobre as mais novas descobertas. “A algum tempo atrás as descobertas vinham para ficar. A ciência, seus postulados e as teorias tinham força e o poder de verdades absolutas e inquestionadas”... (Vani M. Kenski).

Na atualidade a única certeza que temos a respeito do conhecimento é a sua transitoriedade, as informações não são mais inquestionáveis, perenes, definitivas. O conhecimento nem sempre é inteiramente novo.

Para entender o papel do professor nesta sociedade contemporânea, necessário se faz tecermos algumas considerações no sentido de clarificar o que seja a crise do paradigma moderno dominante e o paradigma pós-moderno, além de sua transição neste contexto.

O modelo de Racionalidade que tem seu início no século XVI determinou não só o pensamento científico moderno neste século como nos subsequentes possibilitando através da fragmentação de seus objetos de estudo, progresso científico nunca esperado, porém alcançado em nossos dias.

O desenvolvimento da ciência com suas contradições conduzem dialéticamente a uma superação desse paradigma direcionando o aparecimento de outros paradigmas que vão fundamentar descobertas tais como de Einstein, Marx e Freud. Por exemplo: com a Teoria da Relatividade proposta por Einstein surgiu uma nova estrutura da matéria, ao descobrir que massa é energia Einstein modificou a noção de corpo rígido, colocando por terra as idéias do mundo cartesiano e da mecânica newtoniana relacionados às noções de espaço e tempo absoluto (Bohm apud Maria Cândida Moraes, 1993).

A partir desse momento, filósofos-cientistas dedicam-se a aprofundar reflexões epistemológica sobre o conhecimento científico questionando o conceito de lei de causalidade, de subjetividade/objetividade, de conhecimento, de ciência e de ensino. “ (UNICAMP. 1990) se reporta:

Todas as ciências são humanas, pois humaniza-se toda experiência. Assim como todas as ciências foram convidadas a se matematizar, são elas, agora, convidadas a se humanizar. A linguagem científica volta-se para a lógica contemporânea humanizada, onde se consideram os matices do próprio pensamento, polivalente e não bivalente, entre o sim e o não há o infinito. (apud Maria da Glória Pimentel, 1998).

Reiterando este pensamento, o Prof. S. Boaventura (1998) esclarece que vivemos um paradigma de pós-modernidade no qual se propõe um conhecimento prudente para uma vida decente ou seja, um paradigma científico que surgiu em uma sociedade revolucionada pela ciência que

,entretanto, não pode ser só científico, paradigma de um conhecimento prudente, mas tem que ser também um paradigma social para uma vida decente.

Este novo paradigma opõe-se as clássicas dicotomias: ciências naturais/ciências sociais, teoria/prática, sujeito/objeto, conhecimento/realidade buscando assim a superação da fragmentação das ciências e suas conseqüências para o homem e a sociedade. Vivemos assim, um momento de transição marcado pela perda da confiança epistemológica que se apresenta na complexidade das incertezas. Há portanto a necessidade de assumir e controlar a insegurança na construção de um novo conhecimento.

Segundo Maria da Glória Pimentel (1993. P. 33), estamos diante de um Renascimento II, aonde o homem deve redescobrir-se valorizado, saber-se capaz e Ter uma idéia “bem dimensionada da capacidade individual” para então permitir a melhoria de vida dos povos.

Os educadores devem encarar os domínios do conhecimento como “espaço conceptual”, no qual os alunos podem construir seus próprios mapas e conduzir suas próprias explorações. Esses mapas são o meio pelo qual os educadores podem avaliar o progresso de seus alunos, e esses podem construí-los das mais formas. Um mapa de sua casa pode conter instruções por escrito ou pode ser um desenho, a música, pode ser encarada com um mapa de sentimentos... (D.D. Thomburg, apud Maria da Glória Pimentel, 1998).

De acordo com essa nova visão da prática docente a partir do contexto sócio cultural em que ocorre, vemos emergir um novo perfil de professor que deve ser altamente qualificado a fim de que possa compreender essa nova realidade sem romper com sua historicidade, onde a pesquisa assume um papel de suma importância que tem no ensino o seu complemento indispensável.

Segundo Lyotard, a função dialética do professor pesquisador é de não apenas melhorar a competência do estudante ensinando-lhe o que sabe mais, também colocá-lo a par do que ele não sabe, mas busca saber. “O estudante é assim introduzido na dialética pesquisador isto é, no jogo da formação do saber científico.”

Neste sentido a imagem do pesquisador solitário, distante e ausente da realidade cotidiana, como um “ser superior” que se ocupa essencialmente do conteúdo da sua “sua ciência” e com um discurso distante e elitista, é substituído por um cientista-filósofo, pesquisador humanizado, libertando-se da obrigatoriedade da certeza absoluta do domínio do conhecimento, sabendo que a verdade é uma maneira de olhar a realidade.

Assim, através de uma estratégia que integre diversas atividades concatenadas: cursos, disciplinas seriadas, elaboração de textos coletivos, pesquisas conjuntas, palestras, painéis, publicações, monografias e atividades didáticas orientadas, dismistificando-se a pesquisa através de sua introdução natural na prática “quem ensina carece pesquisar, quem pesquisa carece ensinar. Professor que apenas ensina jamais o foi. Pesquisador que só pesquisa é elitista, explorador, privilegiado e acomodado.”(Pedro Demo, 1990. P. 14).

4. Conclusão

Finalmente, concluímos, que nessa proposta de contemporaneidade a pesquisa é um princípio que aparece em todo percurso educativo, portanto, o processo toma contornos desafiadores através do reconhecimento de que o melhor saber é aquele que sabe superar-se. E que o professor do próximo milênio deve se preocupar, sobretudo, com a motivação da criatividade do educando e com a formação de iguais. Quando o processo docente-educativo toma conceitos mais amplos.

5. Referências Bibliográficas

- DEMO, Pedro. *Pesquisa. Princípio Científico e Educativo*. São Paulo. Cortez. 1990.
- KENSKI, Vani M. *A Formação do Professor Pesquisador*. FEUSP.
- MORAES, Maria Cândida. *O Paradigma Educacional Emergente*. Campinas-SP. Papirus. 1997.
- PIMENTEL, Maria da Glória. *O professor em Construção*. Campinas-SP. Papirus, 1998.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice, o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo. Cortez, 1997.